

PRAZERES PROIBIDOS: ANÁLISE SOBRE A CONFISSÃO DE PAULA DE SIQUEIRA**LUCIANO TARDOCK****Introdução.**

“É certamente prejudicial para as almas
tornar uma heresia acreditar no que é provado.”
Galileu Galilei.

O trabalho aqui apresentado, a análise da confissão de Paula de Siqueira trabalha seguindo os moldes de grandes obras historiográficas na área das mentalidades e também da micro-história. Entre essas obras podemos citar O Diabo na Terra de Santa Cruz, da Professora Laura de Mello e Souza e Trópicos dos Pecados do Professor Ronaldo Vainfas.

Misturando a metodologia da História das Mentalidades com o olhar aproximado da Micro História acreditei ter as ferramentas ideais para conseguir buscar informações na vida dessa mulher incrível que viveu no século XVI. Procurava dessa forma esclarecer não as partes que, uma historiografia positivista veria como “grandiosa”, mas justamente o oposto – buscar o mínimo, o pequeno, o detalhe que pode fazer toda a diferença na vida de todos nós, então por que não na vida dessa mulher?

Paula faz de sua vida uma busca. Seja pela realização de sonhos, de vontades ou de prazeres que lhe eram proibidos, negados. Paula pratica feitiçaria, não num modelo dela sendo a bruxa, mas de outra forma é ela quem movimenta esse cenário buscando o auxílio de bruxas e feiticeiras. Paula pratica a sodomia feminina frente a uma sociedade explicitamente iletrada e que procurava dentro da sua realidade “mais sentir do que entender” e a um clero que não compreendia a mulher e suas necessidades. E pra fechar, Paula lia e essa característica tão fantástica para alguém desse período acaba por

ser sua maior cruz. Lendo Diana de Jorge Montemayor, Paula acaba por ser punida pela Inquisição a pagar pelo crime da leitura de livros proibidos, tendenciosos contra a fé e unidade cristã católica.

O primeiro capítulo trata diretamente do cenário ao qual Paula está inserida, seja na colônia, seja em Portugal, seu país de origem. Trata ainda esse capítulo da falta de estrutura da colônia portuguesa tinha, em relação a administração eclesiástica e de todo o aparato religioso que o Concílio de Trento regia.

O segundo capítulo trabalha, entretanto efetivamente de Paula. Ela já se encontra no Brasil, já está casada e não parece ser o que ela esperava. Paula então começa a se envolver com a feitiçaria da colônia. Uma feitiçaria repleta de elementos indígenas, europeus e africanos. Busca a ajuda de rezas, feitiços, itens mágicos, pedras de ará e uma infinidade de pessoas que possam ajudar seus problemas.

O terceiro e último capítulo trabalha com o período que vem após duas décadas inteiras dedicadas aos feitiços de bem querença, feitiçaria erótica do qual Paula fazia uso pra poder “amansar” seu esposo Antonio de Faria. Talvez o período mais difícil para se analisar a personagem devido a falta de informações concedidas pela própria no ato da confissão para o visitador Heitor Furtado de Mendonça. Essa falta de informações pode bem funcionar como uma maneira de não fazer as mulheres caírem em contradição e usando a inexperiência dos padres frente ao feminino.

Já a bibliografia desse trabalho tem por base livros que possam me dar suporte dentro das áreas das Mentalidades e da Micro História. Obras como as já citadas de Laura de Mello e Souza e de Ronaldo Vainfas são referências

como também são obras de Carlo Ginzburg, Anita Novinsky, Sheila de Castro faria na questão da estrutura familiar e do historiador português Francisco Bethencourt que tem todo um trabalho na área da mentalidade, trabalhando com o imaginário da sociedade portuguesa frente a magia.

Por vim é valido apontar o trabalho em si sobre a fonte que no caso consta no livro organizado pelo professor, novamente ele, Ronaldo Vainfas, que é o livro das confissões da Bahia do século XVI, aonde pode ser extraído o texto da confissão da Paula, entre outros textos fantásticos relacionados a feitiçaria, judaísmo, sodomia, entre outros.

1. Cenário e Contextualização de época.

“Sempre que a moralidade baseia-se na teologia, sempre que o correto torna-se dependente da autoridade divina, as coisas mais imorais, injustas e infames podem ser justificadas e estabelecidas.”

Feuerbach

Em 1591, a primeira visitação oficial do Santo Ofício chega à terras além mar. Coube a Heitor Furtado de Mendonça a função de dirigir a prática dos ditames instituídos pela Santa Sé para o controle de seu rebanho e buscar conhecer a comunidade da colônia portuguesa, tão afastada geograficamente do seio da Igreja Romana. Cabia investigar se esta também afastava-se espiritualmente dos ensinamentos católicos. O Brasil era ainda uma terra jovem demais, ainda por completar seu primeiro século e a capital, Salvador havia sido fundada pelos portugueses em 1549, com a destruição de uma comunidade indígena que habitavam essas terras.

Entretanto, variadas pessoas já habitavam aqui exercendo diferentes ofícios: alfaiates, sapateiros, lavradores e padres, escritores. Eram degredados,

feiticeiras, brancos, índios e negros. Todos coexistiam na colônia, constituindo um legado maior que era a convergência de suas culturas. Nesse mesmo período, entre os anos de 1536 e 1547 a Inquisição Ibérica era instituída através da carta do papa Paulo III, *Cum ad nihil magis*, sendo confirmada a autorização da Inquisição portuguesa novamente em 1547 em outra bula do papa, dessa vez *Medidatio cordis*. A Inquisição Ibérica atuava de forma diferente da Inquisição Romana, e esse é o ponto crucial entre ambas, a Inquisição Ibérica como fica mais conhecida, tinha um elemento que ditava o tom político de suas atitudes. Era completamente desligado da Sé romana, acompanhando assim o ritmo da vontade das classes dominantes da Península Ibérica, um outro braço político havia sido criado então.

Nas primeiras décadas da Inquisição Ibérica, os alvos de seu controle foram os cristãos novos, descendentes de judeus que haviam sido forçados à conversão no reinado de D. Manuel, em 1497. Apesar de estarem oficialmente “batizados” e continuarem atuando dentro da economia portuguesa com força, esses cristãos novos se tornaram mal vistos, sinônimo de comércio, muitas vezes acusados por crimes contra a fé cristã e de práticas judaizantes, haviam sido batizados forçadamente antes. O fato era que o lucro obtido com trabalho judeu, era na interpretação das camadas dominantes - clero, nobreza e coroa – produto da prática da avareza, um dos sete pecados capitais.

Desta forma interpretava o Concílio de Trento, também conhecido como o Concílio da Contra Reforma, que durou do ano de 1545 até 1563 e tem sua criação ligada ao avanço das práticas heréticas que nesse momento assolavam a Europa, sendo a Reforma Protestante a causa primordialmente escolhida para esse evento. A Inquisição ibérica se encontrava mais distante

desses problemas religiosos que atingiam principalmente os países europeus ao seu norte nesse período. O problema protestante não chegava a causar grandes embaraços para os religiosos ibéricos, mas outro problema, que afetava o restante da Europa, atuava também em terras ibéricas. Era o que a Igreja julgava mau uso da religiosidade na península, uma religiosidade repleta de elementos místico-medievais, em que a existência da presença judaica deveria ser expurgada, além de serem combatidos os falsos batizados que tornavam judeus cristãos novos sem que se consumasse a adesão real à crença católica.

Não por acaso que a instalação do Santo Ofício em terras brasileiras, tenha sido na capital, São Salvador. Esta ainda era uma cidade em formação, tinha apenas 42 anos. Sua Sé, que também seria o único centro eclesiástico por muitos anos, havia sido fundada há apenas dois anos após a da cidade, o que era muito pouco, visto que a organização eclesiástica exigida pós Concílio de Trento devia ser presente, formando uma rede entre as dioceses e os poderes eclesiásticos locais. Longe disso. No ano da visitação existia apenas uma diocese e apenas uma prelazia, a do Rio de Janeiro, criada no ano de 1576. A criação dessa teia de relações eclesiástica na colônia “era meta essencial instituída no Concilio de Trento, que aqui na colônia via esbarrar na lenta criação de dioceses, na freqüente e prolongada vacância dos bispados, na escassez e desqualificação do clero popular” (VAINFAS, 1997, p27)

Apesar do atraso ao qual a cidade de Salvador estava vinculada como a própria formação da cidade que, muito parecido com a capital portuguesa, exibia elementos rurais em meio a sua capital, a presença de currais, pastos, animais soltos nas ruas, falta de padronização nas construções e possíveis

calçamentos, criando becos e espaços vagos, geravam uma grande confusão aos olhos. Mas o principal veio econômico estava aqui instaurado, praticamente todo nas mãos de cristãos novos. Itens como o pau-brasil, o açúcar e em menor escala o algodão, eram itens de importância para a movimentação da economia da metrópole pairavam nas mãos de cristãos novos.

Era necessário organizar as massas com base na família cristã, faze-las crer na verdade divina segundo as regras ditadas pela Santa Igreja. Todo esse movimento de conscientização era importante para o sucesso do empreendimento inquisitorial para a manipulação da massa, seja pela palavra ou pela força.

E a inquisição Ibérica teve muito trabalho no que toca a relação aos aspectos religiosos que começavam a se criar na colônia, por conta da liberdade que existia nessas terras, afinal seriam necessários mais de um século para que a prelazia do Rio de Janeiro fosse transformada em diocese, tudo isso influenciava a dispersão da doutrina cristã em terras coloniais. Frente ao descaso ocorriam as cobranças da Igreja da Igreja Tridentina e a inquisição Ibérica. Mesmo estando separada da administração da Cúria Romana, seguia regamente mandos e desmandos. É nessa configuração de espaço e tempo que se dá a chegada da inquisição no Brasil.

A primeira coisa que o visitador Heitor Furtado de Mendonça faz ao chegar em terras coloniais, após se curar dos problemas de saúde que teve durante a viagem, pois havia chegado “mui enfermo” foi procurar se curar no colégio dos padres. Apresenta-se o visitador primeiramente ao bispo da Bahia, Antonio Barreiros, lhe beija os pés e faz os juramentos solenes sobre o ofício

que vinha exercer nessas terras. Após a apresentação oficial perante o bispo, chegara a hora da apresentação frente a sociedade baiana. Era dia 22 de julho e a apresentação foi no Paço do Conselho e Câmara de Salvador. Foram-lhe prestadas honras e homenagens, mas o principal motivo da apresentação pública seria outra: Primeiramente, o juramento de respeito à fé católica dessa sociedade presente à apresentação do visitador, deixava claro quem dominava o campo de atuação religioso, político e sócio-econômico. O povo presente representava a sociedade dominante da capital da colônia. Mas os menos favorecidos, mesmo não estando presentes, teriam desde então, que acatar os mandos e desmandos do visitador em trabalho oficial. Além dessa apresentação oficial, ainda ocorreria nessa cerimônia a apresentação do Edital da Fé e do Monitório da Inquisição. Quanto ao Edital, todos os presentes, fiéis jurados frente ao inquisidor, eram “convidados” a confessar suas culpas e a delatar prováveis pecadores para a santa atuação do Santo Ofício.

A partir desse dia, 22 de julho de 1591, e desse modo, estava instaurado o Período da Graça. Esse período durava de 30 a 40 dias, quando as pessoas que delatassem ou confessassem, ou ajudassem o trabalho dos inquisidores de qualquer outra forma teriam uma chance maior de ter a remissão dos seus pecados assegurada.

Dentro da dinâmica do trabalho inquisitorial não se considerava, a priori, a diferença social. Não são raros os casos em que simples trabalhadores e “mui nobres senhores, juízes e vereadores” são castigados da mesma forma. Mas o que existia por de trás dessa igualdade social, pregada pelo Santo Ofício, estava seus interesses que andavam lado a lado com a coroa.

O Período da Graça era um espaço de tempo definido para o perdão das culpas. Já estava presente nos escritos de Torquemada, em Sevilha no ano de 1484, vindo a ser incluída na Inquisição italiana após sua reorganização, no ano de 1550. Esse período no principio não tinha uma referência exata de quanto tempo ele deveria utilizar, salvo o caso de Portugal que institui desde a sua criação em 1536 o prazo de 30 dias para a Graça, outros prazos maiores ou menores desse período já haviam sido utilizados como 15 e 40 dias e até mesmo 60.

Podemos considerar o esse Período da Graça como uma clara forma de atrair o fiel para junto da presença eclesiástica, a segunda parte do rito. A primeira já havia ocorrido, a cerimônia de apresentação junto à sociedade local onde ocorria a afirmação da fé, a jura perante o Santo Inquisidor do apreço a fé católica. Uma vez jurados agora não teriam por que alterar seus comportamentos. Uma armadilha vil que servia em uma via dupla, montando dessa forma um primeiro arquivo dos suspeitos pelos casos de heresia, práticas judaizantes ou qualquer outra, seja por delação ou por confissão, mas também para coibir a liberdade encontrada em terras coloniais. Na primeira visitação ocorrida em terras coloniais, podemos fazer uma divisão sendo: Confissões da Cidade e Confissões do Recôncavo.

2. A personagem e seus conflitos pessoais.

“Uma pessoa deve ser fiel a si mesma, antes que tudo. Fiel a sua crença”.
Branca Dias – O Santo Inquérito..

Paula de Siqueira tinha 40 anos na época em que chegou ao Estado da Bahia o licenciado Heitor Furtado de Mendonça por ocasião da Primeira Visitação do Santo Ofício em terras da colônia. Natural de Lisboa era casada

com Antônio de Faria há pelo menos quinze anos. Era filha de Manuel Pires, um ourives de prata meio flamengo e de Mécia Rodrigues.

Paula era cristã velha, o que significa que sua relação com a Igreja era mais tranqüila, diferente da relação que existia entre a Igreja e os cristãos novos. Logo, sua vinda para o Brasil não tem motivos ligados a religiosidade, mas sim ao seu esposo que viera a trabalhar no Brasil como contador da fazenda del Rei na capital da colônia portuguesa.

Essa migração feita a fins de trabalho é bem trabalhada pelo historiador portuguesa Francisco Bethencourt que, associa essa efervescência social como um movimento social, como o surgimento de cargos na administração portuguesa e da especialização de outras funções no quadro urbano da metrópole como derivados de uma fragilidade criada pelas guerras, pela peste e pela mentalidade urbana entrecortada por características rurais.

No ato de sua confissão, ocorrida em 20 de agosto de 1591, Paula de Siqueira nos dá poucas informações de como era a sua estrutura familiar, se limitando a citar os nomes de seu marido e de seus pais. Sendo que no caso dos pais, Paula nem mesmo consegue afirmar com plena certeza se estão vivos, “filha de Manuel Pires, (...), e de Mécia Rodrigues, defuntos, salvo que não se afirma se sua mulher é defunta” (VAINFAS, 2005, p 104). Já com relação a sua vida conjugal, podemos ter um panorama melhor, já que é possível se extrair inúmeros trechos onde essa análise é possível, todas as práticas presentes na confissão de Paula de Siqueira têm como centro a melhoria de sua vida conjugal, em um primeiro instante, no segundo existe uma sobrevida desse relacionamento.

No dia 20 de agosto, Paula se apresenta ao visitador, já havia se passado quase um mês desde o início do período da graça, período esse aonde os pecados são “perdoados” mais facilmente, para incentivar o comparecimento das pessoas frente a presença sempre ameaçadora do visitador e, para ajudar no controle da mentalidade da população, perdida em sincretismo e práticas heréticas.

Paula remonta um histórico embolado, começando por acontecimentos que ocorrem mais recentemente, só para depois ir para eventos mais antigos, quando ainda morava em Lisboa, para acontecimentos que ocorridos após o casamento com Antonio de Faria.

Se casar no século XVIII era sinônimo de garantir o mínimo de condições de sobrevivência, no século XVI não podemos considerar algo muito melhor que isso.¹ Não é difícil então associar que as práticas sexuais também deveriam andar nessa linha, da convivência. A falta de afetividade que é passível de percepção no caso de Paula de Siqueira pode ser sim, o fio que nos leva a acharmos a saída pelo labirinto de práticas mágicas que ela busca, cria e recria

Na área da magia, todas as práticas usadas por Paula de Siqueira podem ser inseridas no campo da feitiçaria erótica. Que para ser mais claro, é o campo da feitiçaria que lida com os relacionamentos, desde o mais leve, o que incluiria a amizade, o bem querer, até os níveis mais elaborados dessas práticas, como a busca por melhores casamentos, para buscar um amor que está distante e finalmente às práticas sexuais.

¹ “Casar na Igreja, ou em outras palavras, casar segundo os padrões dominantes na sociedade escravista, significava garantir o mínimo de condições de sobrevivência, em áreas agrárias”. (FARIA, 1998, p. 63).

O primeiro caso acontece ainda em Lisboa. Paula conta apenas com a idade de 17 anos, sendo que a pelo menos 3 já estava casada com Antonio de Faria. É através de sua cunhada, Mécia de Basto, irmã de um clérigo lisboeta. O primeiro encantamento era algo simples, apenas algumas palavras em latim, apenas algumas palavras que eram ditas sempre que a missa ocorria, “Hoc est enim corpus meum”, ou apenas “Aqui está o meu corpo”, frase utilizada no momento máximo do ritual cristão católico, o da consagração da hóstia, do corpo de Deus.

As palavras sagradas do rito máximo cristão agora davam corpo a práticas mágicas, fruto de uma construção de uma religiosidade a margem do ideal buscado pela Igreja, que era um dos muitos motivos pela vinda do visitador até as terras distantes do Brasil.

O objetivo do dito feitiço era o amansamento da pessoa desejada, do marido de Paula, devendo ser dita sobre os lábios do alvo enquanto a mesma dormia. Novamente deve ser notado o ambiente em que o rito é realizado, a cama. Cama essa que, assim como o quarto é um dos símbolos maiores da feitiçaria ritual, a cama como centro da vida conjugal, a cama como o lugar da união do casal.

Esse primeiro contato nos dá elementos para a percepção da vida conjugal de Paula. Algo faltava. Outra característica é que essa busca por ajuda, mesmo que imaginário o que não é a questão discutida leva Paula a buscar outras práticas diferentes em outros períodos da sua vida.

Atuando nesse cenário marginal mágico-religioso, Paula ajuda a movimentar uma rede de pessoas e conhecimentos. Também ajuda a dar corpo às justificativas da Igreja para toda a atuação do aparelho inquisitorial.

Se bruxas e seus sabás e judaizantes e suas sinagogas existiam, também existiam aquelas pessoas que buscavam essas alternativas como uma forma de dar respostas a seus questionamentos, que não eram encontrados na religião cristã, gerando dúvidas, divisões e adaptações. Tudo isso devidamente proibido pela Igreja Católica.

Voltando a análise da confissão, Paula diz que a doze ou dez anos antes, não afirma a data com clareza, já morando na cidade da Bahia, teve contato com Maria Vilela, mulher que era natural da cidade do Porto, casada com Miguel Ribeiro. Novos problemas conjugais devem ter surgido, Paula que faz amizade com Maria justamente por ela ser portuguesa também, solicita novas práticas mágico-religiosas. Maria Vilela apresenta a Paula a utilização da comunicação e invocação de demônios, utilizando um pedaço de pedra de ará, o mármore que fica sobre a bancada da Igreja, um símbolo religioso, presente no evento e parte importante presente constantemente na consagração da hóstia.

Sobre esse apego a práticas relacionadas a demônios Francisco Bethencourt nos diz que essa era uma prática bem popular, encontrada em vários lugares diferentes de Portugal. Podemos interpretar essa busca a realização através de demônios como uma revolta frente a vontade e tempo divino, demasiadamente lento para o homem desejoso, sendo o oposto disso presente na materialidade diabólica, contida na carne e no desejo das pessoas.

A pedra de ará, mármore que fica por sobre o altar das igrejas, funciona como elemento materializado de um rito maior, na mentalidade popular de Isabel Rodrigues, Paula de Siqueira e da população laica, o rito cristão da

consagração da hóstia. Por isso sua busca era tão intensa por parte das feiticeiras tanto do Brasil como as de Portugal.

Francisco Bethencourt (2004) nos fornece toda uma análise de sobre como funciona esse mercado dos bens de salvação que mobiliza não só pessoas comuns, mas também homens ligados ao clero, movimentando esse comércio de itens sagrados para a realização desses ritos mágicos. Podemos então, perceber mesmo que de forma opaca, a importância que existia na confecção desses ritos mágicos para a população da época. Paula por fim admite o uso da dita pedra de ará ao visitador dizendo que “a deu moída em pó em um copo de vinho ao dito seu marido Antônio de Faria uma vez” (VAINFAS, 2005, p 112.), usando ainda algumas palavras das quais já não se lembrava mais.

Paula ainda cita outra prática ocorrida no mesmo período, que fora realizada com Maria Rangel, filha de Maria Vilela. Juntas praticaram a devoção de Santo Erasmo. Essa devoção realizada em forma de oração, por dias consecutivos é destinado a propiciar o amor.² Santo Erasmo foi bispo da Antioquia, fugido para o deserto era visitado por anjos, alimentado por um corvo e as feras lhe eram mansas. Retornou para a cidade a mando de Deus onde curou muitas pessoas, envolvidas ou não com espíritos demoníacos, sendo preso, sofreu as dores do martírio, mas resistiu miraculosamente ao tormento do fogo, do pez e do enxofre, o que viria a torná-lo santo.

² A Devoção de Santo Erasmo se constitui da seqüência de 13 pais-nossos, 13 ave-marias, 13 credos, por 13 dias consecutivos. Deve ser ainda dito no ato das orações a seguinte formula: “Bem aventurado Santo Erasmo, bispo e arcebispo e confessor da casa do meu senhor Jesus Cristo, pelas dores e ardores, tremores e fervores que vos tivestes quando vos tiraram as vossas santas tripas e vo-las torceram no parafuso, que vós ponhais essas dores e tremores e fervores no coração de fulano e por amigo e marido mo queirais dar” (BETHENCOURT, 2004, p. 146). Existem ainda outras versões para a devoção de Santo Erasmo, entretanto elas só sofrem grande alteração no final, tendo seu conteúdo mantido.

A invocação de Santo Erasmo, assim como a de outros santos como São Silvestre e Santo André servindo como exemplo de vida, plenas de virtude, sendo os santos associados a as almas, entretanto com um “status celestial” mais elevado, pertencendo assim a uma esfera superior. Enquanto as almas dos homens comuns falecidos pertenceriam a uma esfera mais mundana, a dos santos sendo como mais difíceis de serem alcançadas, podendo ser esse ponto observado na própria formula da invocação de Santo Erasmo, porém com um resultado superior, mesmo afastado estes possuiriam poder para intervir na sorte dos homens. Enquanto que o conjuro de espíritos mundanos, era relativamente simples.

Dez ou oito anos passados, novamente Paula não diz a data com exatidão, Paula começa a ter contato com Isabel Rodrigues, vulgarmente conhecida como Boca-Torta, que viera degredada para o Brasil por prática de feitiçaria.

Paula durante a confissão apresenta 3 diferentes momentos de relacionamento com a feiticeira Isabel Rodrigues, três formas diferentes de feitiçaria. A primeira é um novo feitiço de oração, assim como o primeiro que lhe foi ensinado ainda em Lisboa, tantos anos antes. A fórmula é basicamente a mesma, devia ser dita sobre a boca da pessoa desejada, enquanto dormia, mas a frase era um pouco mais simples, era apenas “Hoc est enim”, é possível que essa primeira prática, além de já ser de pouca confiança pela parte de Paula, também não tivesse obtido melhor resultado. Paula assume ao visitador que vez uso dela algumas vezes sim, mas também logo parte para uma segunda fórmula.

A segunda prática relacionada por Paula, através do contato com Isabel Rodrigues é a das cartas de tocar, prática essa parenta das favas que eram utilizadas pela feiticeira Celestina, criada por Fernando Rojas e comentada por Laura de Mello e Souza e reconhecida por Caro Baroja como arquétipo perfeito da feiticeira. As cartas de tocar eram vistas como itens de muito valor para Isabel Rodrigues e outros feiticeiros que fizeram uso no Brasil, sempre lhe sendo creditado grande poder, bastando para o sucesso do seu uso, tocar a pessoa desejada que “em quantas coisas tocasse se viriam após ela” (VAINFAS, 2005, p 110).

No Brasil a prática das cartas de tocar dentro da feitiçaria erótica é constante, podendo ser encontrada até o século XVIII. Sendo essa prática encontrada em regiões como a do Taquaral, em Minas Gerais, no Recife e no Grão Pará, onde um enorme processo foi aberto contra Adrião Pereira de Farias, pelo uso contínuo das cartas.

As cartas de tocar eram pedaços de papel que traziam em sua maioria orações ou ainda alguns símbolos desenhados, existindo vários relatos diferentes sobre as cartas de tocar. Sempre lhe foi creditada muita virtude por parte dos feiticeiros. Paula de Siqueira diz ao visitador que nunca fez uso de tais cartas, dizendo que havia passado para uma velha chamada Mécia Dias, que era casada com Jorge Fernandes Freire. Transfere para a dita Mécia Dias o que Isabel Rodrigues havia lhe ensinado que deveria levar a carta para três padres, sobre o toucado para que eles lhe dissessem sobre a carta três evangelhos. Paula ainda diz que após a dita velha Mécia Dias conseguir os três evangelhos rezados para a carta, ela lhe retorna com a carta de tocar.

Nesse momento temos uma inversão de papéis. Paula sempre havia solicitado o serviço, mas nesse momento ela repassa o que havia aprendido. Por mais simples que tenha sido o envolvimento com Paula nesse momento nesse tipo de prática, ela deixa de ser um agente passivo, que busca a feitiçaria para alcançar soluções imaginárias para problemas reais, para uma posição ativa, onde ela repassa o elemento para outra pessoa, reiniciando o movimento do qual ela mesma já movimentava.

Ainda com Isabel Rodrigues Paula tem um último contato com a feitiçaria nesse relacionamento de ambas. Essa prática é uma oração, assim como a primeira, que tem por diferença a nomeação das “estrelas e dos demônios além de outras palavras supersticiosas”. Paula afirma ainda que não se lembra mais das palavras, mas novamente diz ao visitador que o alvo do feitiço é novamente seu esposo, Antonio de Faria.

Esse tipo de prática mágica envolvendo o nome de estrelas, do sol, da lua e como também o de demônios é também encontrado em boa parte da metrópole como da colônia. Essa utilização de nomes de astros e de demônios, como afirma Bethencourt, que isso pode ser compreendido de forma inteligível no quadro de um sistema complicado de atrações e repulsões. Atraindo as necessidades mais emergentes do cotidiano: amor, situação econômica, prazeres, segurança, saúde e afastando os males cotidianos da sociedade. Sendo os astros considerados as residências de espíritos numa linguagem simplista, os grandes astros como o sol e a lua obtendo lugar de destaque, como a casa de Deus, ou a princesa alada que se refugiava na superfície celeste.

O período de oito ou sete anos que prece a visitação inquisitorial ao Brasil, deve ter apresentado um novo período difícil para Paula em sua vida a dois, pois ela cita novas práticas ao visitador.

Agora o relacionamento com Isabel Rodrigues se encontra terminado, provavelmente por que suas diferentes técnicas não foram suficientes para Paula alcançar seus objetivos. A nova feiticeira é Beatriz Sampaio, mulher casada com Jorge de Magalhães, moradora do Matoim. A relação de Paula e Beatriz leva nossa confidente a uma nova prática ainda não tentada por ela, onde novos elementos mágicos haviam sido implementados na elaboração do feitiço.

Essa nova formula se concentra na repetição de “umas palavras que havia de dizer de andando em cruz, atravessando a casa de quanto em quanto” (VAINFAS, 2005, p. 111). A repetição, elemento chave para a magia ritual se encontra presente, acompanhada por outro elemento importante para os feitiços relacionados a feitiçaria erótica, a casa, como centro capital de toda a vida de um casal, o ambiente de relacionamento afetivo, amoroso, o ambiente e convívio.

O andar em cruz atua como arte da confecção do rito, esse ato funcionando como a reprodução de um rito já pré-estabelecido, o sinal da cruz. Esse é um dos motivos pelo qual a Inquisição se instaura tanto na península Ibérica quando no Brasil, entre outras características, ela tem como um dos combates principais, o de controlar os costumes, não deixando que práticas religiosas cristãs se tornassem elementos presentes no sincretismo religioso dos quais muitos se aproximavam em seus dia a dia, se afastando a religiosidade original.

3 – Outras práticas, outras punições.

“Vê-se, portanto, que na natureza nenhuma deleitação é fim último”.
São Tomas de Aquino

Em 1591 Paula tinha a idade de 40 anos, como já havia citado no texto, a pelo menos 23 já era casada com seu esposo. O casamento estava claro, inclusive a muitas pessoas da comunidade, não era o ideal. Mesmo o cargo do marido lhe trazendo alguns benefícios e comodidades como alguma cultura, isso era pouco na opinião de Paula. Duas décadas tentando amansar seu marido não lhe trouxeram frutos.

Paula, como pode ver observada, em sua própria ascendência não era uma mulher normal, era filha de pai meio flamengo, holandês, outra origem e forma de pensar, e de mãe portuguesa, ambos cristãos velhos logo, Paula devia estar acostumada a ouvir a missa em latim e possivelmente também a ler nesse idioma ainda jovem.

Havia pelo menos três anos que Paula já havia parado de testar práticas mágicas, tinha tido contato com várias feiticeiras, tanto no Brasil como em Portugal, com algumas delas teve contato que duraram anos e nenhuma prática por elas ensinada, era suficiente para dobrar a vontade de seu marido. Paula também devia ser uma mulher atraente, ou sua posição social na colônia atraía olhares para si, ou ainda era fato conhecido a distancia do seu marido e suas tentativas infundadas de feitiçaria, pois os olhares de Felipa de Souza agora se voltavam para ela.

Felipa de Souza, personagem de extrema importância no quadro clássico da primeira visitação, encabeçada por Heitor Furtado de Mendonça. É

a única mulher que fora punida gravemente por sodomia, sendo açoitada e degredada perpetuamente para fora das terras da Bahia. Felipa era cristã nova, casada já com um segundo marido, Francisco Pires. Não sabemos se Felipa era casada como era previsto pelos padrões sociais da época, seu primeiro marido ao qual não nos é possível saber o nome, já era defunto trabalhando como sirgueiro, ou o artesão que trabalhava com seda.

Nesse período Felipa começa a enviar muitas cartas a Paula, prova também que Felipa não era qualquer tipo de mulher, a descrição de Paula nos dá a entender que ela era alfabetizada. Essas cartas como a própria Paula diz, eram cartas de “requebros e amores”. Essas cartas de requebros, que significam movimentos lascivos do corpo, da voz e dos olhos, fizeram Paula já num primeiro momento tomar consciência das intenções de Felipa, mas pelo que nos mostra a confissão Paula nada fez.

O que é algo compreensível, os relacionamentos homo eróticos femininos na colônia podem ser observados como o oposto dos casos masculinos quando falamos de discríção. Enquanto os casos masculinos rápidos, repleto de troca de parceiros e pertos dos casos femininos podem ser considerados até mesmo rústicos, os casos femininos eram magistras. Discretos e completamente eróticos, “requinte sedutor e amoroso, tão ou mais saliente do que as relações sexuais” (VAINFAS, 1997, p 277).

Voltando as cartas, estas continuavam muitas das vezes acompanhadas de presentes, novos recados e possivelmente a promessa de sentimentos amorosos sinceros. Felipa de Souza deveria ser uma mestra em agradar ao íntimo com o que escrevia ou dizia.

Um último evento ainda ocorre com Paula de Siqueira, esse, conhecido como Contraditas era comum dentro dos casos de confissões aos comissários do Santo Ofício. Eram suspeitas lançadas sobre o réu por uma ou mais pessoas com as quais ele pudesse ter algum tipo de diferença, briga ou algo contra. No caso de Paula, a pessoa a lhe lançar “contraditas” nesse período foi Custódia de Faria, que apesar do nome, Paula não faz nenhuma menção a ser parenta de seu esposo. Custódia espalhou na comunidade, filtro e espelho social das ações sociais na colônia, que Paula disse “que nem Deus lhe podia tirar o que ela tivesse no coração” e ainda mais, “que era tão purificado quanto São João Batista” (VAINFAS, 2005, p 113).

Considerando todos os fatores que podemos associar a essa relação, temos primeiramente uma sociedade basicamente iletrada, aonde o ouvir era tão importante quanto ver, as relações de inimizade eram comuns, podendo vir a existir de simples divergências inevitáveis. A contradita de Custódia de Faria, dita a comunidade, e a Igreja era o centro dessa comunidade, deve ter tido relevância para que Paula de Siqueira ao fim, tivesse sua existência devidamente relatada ao visitador Heitor Furtado de Mendonça.

A existência desses tipos de relacionamento dentro dessas sociedades é natural, fruto de um sentimento de insegurança generalizado que é trazido para o plano pessoal através de inveja, despeito e agressão. Um nível de relacionamento em que a relação entre as pessoas, mesmo de diferentes estratos sociais, acaba gerando um campo de forças em que o mais fraco (do ponto de vista físico, social, material ou espiritual) acaba cedendo perante o mais forte e que lança mão de um movimento de vingança que se torna um ideal a ser alcançado.

É provável que em seu caso, Paula de Siqueira não tenha tido tempo para se vingar de Custódia de Faria, a briga com ela havia ocorrido a certo tempo passado, mas a contradita era nova e logo Paula iria se apresentar a mesa inquisitorial, por fim a única coisa que Paula pode fazer em sua confissão é dizer que “Custódia de Faria é sua inimiga capital” e que “de toda culpa que em todas as ditas coisas, como dito tem, pede perdão e misericórdia nesse tempo de graça porque está muito arrependida” (VAINFAS, 2005, p 114).

4. Conclusão – O que se aprende de lições como essa?

“Os teólogos dizem: isso são mistérios insondáveis. Ao que respondemos: são absurdidades imaginadas por vós próprios. Começais por inventar o absurdo, depois fazei-nos dele a imposição como mistério divino, insondável e tanto mais profundo quando mais absurdo. É sempre o mesmo procedimento: credo quia absurdum [creio porque é absurdo].”

Bakunin

Caminhas pela linha estreita da mentalidade de personalidades como a de Paula de Siqueira é um convite ao erro, ao equívoco ou ao pré-julgamento. Pecado capital para todo historiador.

Paula de Siqueira é uma personagem ímpar, da mostras disso em todo instante de sua vida pouco comum nas terras do Brasil colonial. Logo quando passa a procurar feitiçarias e práticas mágicas para atenuar seus problemas conjugais, ou quando surpreende a todos no momento em que se relaciona com Felipa de Souza.

Por fim, Paula acaba sendo punida por outro motivo, além de todos os anos em que buscou na feitiçaria a resolução dos seus problemas e no relacionamento homossexual a paz para os desejos do corpo, a tanto tempo negados. A leitura de livros proibidos pela Igreja seria o martelo sobre a conduta e pelas ações de Paula, acusando-a posteriormente.

Mas quem Paula teria ofendido com suas práticas? Desde o início quando Paula fazia uso de práticas mágico-religiosas e ia de frente aos dogmas da Igreja Católica algo já se apresentava errado, entretanto, é provável que a liberdade colonial tenha lhe conferido certa imunidade não só a ela, mas a todos os habitantes que faziam uso de tais práticas. Buscavam resposta para seus questionamentos e soluções para seus problemas através de fórmulas mágicas e fervedouros ou qualquer outro rito. O problema estava nesses ritos,

que eram compostos de elementos presentes no cotidiano dos colonos, elementos leigos e elementos religiosos cristãos, esse sincretismo era que a Igreja não aceitava.

As práticas homossexuais, crime contra a natureza dos homens, torpe, imundo, nefando. Com o tempo acaba sendo transferido para a atuação dos tribunais civis, o que serve pra demonstrar como esses crimes eram vistos e interpretados. Mal vistos sim, mas completamente mal compreendidos pelos inquisidores e pela Igreja, criavam especulações sobre como seria possível a concepção do crime sem o falo, questionavam sobre a existência de algo que pudesse fazer tal serviço, entretanto rodavam perdidos em um labirinto que sua própria vida eclesiástica os havia fadado.

Por fim a leitura de livros, prazer até então, pouco conhecido na colônia – por mais que existam provas de que nem todos eram iletrados, é o que leva Paula a ser acusada de leve suspeita de fé. O livro lido por Paula, Diana escrito por Monte Mayor e também conhecido como Diana Enamorada, não é um romance de cavalaria como Quixote, nem um dos textos de Erasmo, mas via contra a natureza dos homens, esse romance, alega a Igreja, influenciava os relacionamentos homo-eróticos, era torpe, devia ser combatido.

É difícil compreender por fim como Heitor Furtado de Mendonça havia chegado a tal pena para Paula: “Condenada a sair em público, vela acesa na mão, para ouvir a missa de pé, na Sé, a penitências espirituais e pagamento de cinquenta cruzados para o Santo Ofício”. Paula havia praticado feitiçaria, atestado contra a fé única e indivisível do cristianismo, e nada aparentemente foi notado pelo visitador. Talvez Heitor Furtado de Mendonça não acreditasse em tal procedimento, desacreditando dessa forma, se tornava mais

complacente com todos que vinham a ele se confessar ou pode ser o período da graça que tenha ajudado Paula afinal de contas.

As práticas do relacionamento homo-erótico de Paula de Siqueira e Felipa de Souza é outro momento importante. O inquisidor nem mesmo questiona a presença de instrumentos penetrantes ou qualquer outra coisa, se limita a perguntar quantas vezes, se lembra das datas e há quanto tempo foi. Talvez determinado assunto relacionado a sexualidade fosse complicado para um religioso como o visitador, que nem mesmo ao clero secular pertencia, machucando mais a alma do o corpo em ouvir tais detalhes nefandos, ou não seriam nefandos? Não é provável que o visitador Heitor Furtado de Mendonça, aprovado em 16 exames de limpeza de sangue soubesse, nem a Igreja sabia.

A leitura de um livro acaba por fim a fechar um ciclo na vida de Paula em dois momentos. O primeiro sendo o período onde mesmo tendo seu prazer negado, ela tentou de todas as formas para alcançar seus objetivos, feitiçaria, homo-erotismo, leitura de livros. O segundo momento é a resposta ao primeiro, a punição por todas as práticas desenvolvidas em anos na busca de suas satisfações.

Uma vida como a de Paula de Siqueira, única em todos os seus sentidos, mas mesmo assim considerada pequena para uma área determinada área da historiografia, serve para preenchermos de detalhes a macro-visão positivista da História. Personagens pequenos abordados da forma correta em uma visão diferente, por outro ângulo nos trazem respostas a questionamentos tão comuns a nós historiadores. Como essas pessoas da colônia viviam e sentiam as coisas? Quais eram seus prazeres e quais suas necessidades? Como lutavam em seu dia a dia por esses prazeres e como contra as

dificuldades? O contato com o além e com o futuro, a relação do miraculoso com o maravilhoso. Vidas como a de Paula de Siqueira e de outras pessoas que viveram no Brasil séculos atrás, lançam luz sobre dúvidas de hoje, facilitando o trabalho de todos aqueles que se não podem alcançar a verdade de forma plena, ao menos preenchem lacunas sobre como era viver no Brasil Colonial.

5. Bibliografia e Fonte.

5.1 – Fonte.

VAINFAS, Ronaldo (org). Santo Ofício da Inquisição de Lisboa – As confissões da Bahia. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

5.2 – Bibliografia.

BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O imaginário da magia – feitiçarias, adivinhos e curandeiros, em Portugal do século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EYMERICH, Nicolau. Manual dos inquisidores. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

FARIA, Sheila de Castro. A colônia em movimento – fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GINZBURG, Carlo. História noturna. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____, O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____, Os andarilhos do bem. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Plínio. Um herege vai ao paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HAUBERT, Máxime. Índios e jesuítas no tempo das missões. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. Malleus Maleficarium – O martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

MURRAY, Marareth. O culto das bruxas na Europa Ocidental. São Paulo: Madras, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. O nascimento da bruxaria. São Paulo: Imaginário, 1995.

NOVINSKY, Anita. A Inquisição. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PALOU, Jean. A feitiçaria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

RIBEIRO JUNIOR, João. Pequena história das heresias. São Paulo: Papirus, 1989.

SOUZA, Laura de Mello e. A feitiçaria na Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1995.

_____, O diabo na Terra de Santa Cruz. São Paulo. Companhia das Letras, 1986.

_____, O inferno Atlântico. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

_____. Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão. São Paulo: Ática, 1986.